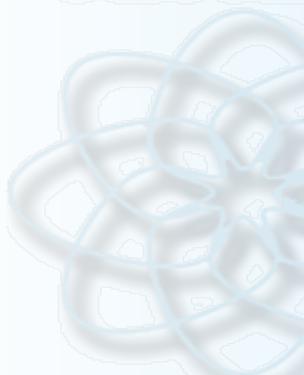


Teo
Lite
rária



Arquivo recebido em
09 de junho de 2015
e aprovado em
13 de julho de 2015

V. 5 - N. 9 - 2015

* Professor de
Teologia da PUC SP.

** Mestrando em
Teologia pela PUC SP.
Bolsista da CAPES.

AVE POESIA: PATATIVA DO ASSARÉ

ENTREVISTA COM GILMAR DE CARVALHO

*Antonio Manzatto**

*Emerson Sbardelotti***

TEOLITERÁRIA: QUEM É GILMAR DE
CARVALHO? O QUE FEZ, O QUE
FAZ E O QUE AINDA FARÁ?¹

Gilmar de Carvalho (Sobral, CE, 1949) é jornalista de formação. Foi professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, de 1984 a 2010, quando se aposentou. Pesquisa as relações da comunicação com a cultura. Deu aulas, publicou vários livros, ajudar a formar muitos jornalistas e continua a pesquisar as tradições e as manifestações que ficam à margem da chamada Indústria Cultural.

TEOLITERÁRIA: COMO CONHECEU O POETA
PATATIVA DO ASSARÉ? COMO
FOI ESTE PRIMEIRO ENCONTRO?

1. Entrevista concedida em 01 de março de 2015.

EM QUE ANO, EM QUAIS CIRCUNSTÂNCIAS?

Patativa do Assaré sempre teve sua obra bem divulgada no Ceará, principalmente a partir do livro “Cante lá que eu canto cá”, publicado pela editora Vozes. Eu o conhecia na condição de leitor. Quando trabalhei na Secretaria da Cultura do Ceará, em 1993, tive a ideia de reeditar seus cordéis. Propus e a Secult bancou a reedição de doze folhetos, que foram armazenados dentro de uma caixinha. Convidamos xilógrafos do Juazeiro do Norte para refazerem as capas. A impressão foi feita na antiga Tipografia São Francisco, rebatizada de Lira Nordestina, pelo próprio Patativa, quando adquirida pelo Governo do estado, em 1982. Meus contatos com o poeta se amudaram a partir do lançamento da caixa e da viagem que fiz para entregar a ele uma parte do material publicado. Recapitulando: eu o conheci, pessoalmente, em 1993. Estabeleceu-se uma relação de amizade e confiança, tanto é que voltei desta viagem, no final de 1993 com os originais do livro “Aqui tem coisa”, que seria publicado pela Secult, em 1994. Neste mesmo ano, fui para o doutorado em Comunicação e Semiótica, na PUC de São Paulo. Numa de minhas viagens ao Ceará, nas férias, fui a Assaré e propus ao poeta passar um dia com ele e entrevistá-lo exaustivamente. O encontro se deu em fevereiro de 1996. O resultado foi publicado em livro “Patativa Poeta Pássaro do Assaré”, pela editora Inside Brasil, de Fortaleza, ganhando segunda edição, quando da morte do poeta, em 2002, pela editora Omni. A partir de 1996, até a morte do poeta, foram muitas visitas, conversas e livros publicados. Mais importantes que os livros foi a amizade que se formou e se consolidou com respeito mútuo e afetividade.

TEOLITERÁRIA: SE PODE DIZER ENTÃO QUE O SENHOR É O BIÓGRAFO OFICIAL DO POETA? QUANTOS LIVROS O SENHOR FEZ A RESPEITO DELE? QUANTOS LIVROS DELE O SENHOR APRESENTOU?

Não gosto da ideia de ser biógrafo oficial. Patativa é do mundo, é de todos. Qualquer pesquisador pode escrever sobre ele. Incomoda-me a

ideia de ser “dono” de alguém. Mais ainda quando se tratar de alguém da envergadura do Patativa do Assaré.

Tenho, sozinho ou em parceria com outros estudiosos, dez livros sobre o poeta. Fiz uma biografia, um livro de ensaios, organizei uma antologia poética, o livro da entrevista, uma coletânea de cordéis que o homenageiam, organizei outro livro coletivo de ensaios, uma seleta de poemas para o vestibular da UFC, um volume com os cordéis que estavam na caixa e outros que descobri depois da morte dele e um livro com fotografias de Tiago Santana.

TEOLITERÁRIA: PATATIVA DO ASSARÉ EM SUAS ENTREVISTAS, SEMPRE DIZIA QUE ERA UM POETA DO POVO E QUE SEMPRE ESTEVE AO LADO DOS POBRES. PODE-SE DIZER QUE O POETA ENTÃO FEZ A OPÇÃO PELOS POBRES E PELA DEFESA DA VIDA?

Patativa era coerente. Pequeno proprietário de terras, filho de um pequeno proprietário de terras, sempre esteve ao lado dos pobres, dos oprimidos e sabia da importância de uma Reforma Agrária, daí ter se deixado fotografar enrolado na bandeira do MST.

Nunca se deixou deslumbrar pelo assédio de políticos ou empresários. Nunca achou que fez “sucesso”. Nunca quis sair de sua Assaré. A opção de Patativa era pela ética, pela justiça social, em defesa dos excluídos. Ele foi porta-voz e intérprete dos desamparados de todo o Brasil.

TEOLITERÁRIA: O SENHOR POR VÁRIAS VEZES ESTEVE COM O POETA. QUANTAS VEZES FORAM. DE CADA UMA DELAS, QUAL É A LEMBRANÇA MAIS MARCANTE?

Perdi a conta das visitas que fiz ao Patativa. Ia quase todos os meses a Assaré, de 1999 a 2002. Para se ter uma ideia, tenho mais de seiscentas páginas de entrevistas transcritas. Doe as fitas para o Memorial Patativa, na cidade de Assaré. A lembrança mais marcante era a felicida-

de que ele expressava quando recebia visitas. Tanto fazia o governador do Estado como um velho amigo camponês, um ônibus de estudantes da escola pública ou um pesquisador de laureada universidade estrangeira. Ela recebia a todos com uma estrofe improvisada, um sorriso e um aperto de mão.

TEOLITERÁRIA: LUIZ GONZAGA E FAGNER FORAM NECESSÁRIOS PARA A CARREIRA DE PATATIVA DO ASSARÉ, OU O POETA IRIA CONSEGUIR O RECONHECIMENTO MAIS CEDO OU MAIS TARDE?

Luiz Gonzaga levou Patativa para o disco. Foi importante. Pode-se dizer que Fagner o levou para outros públicos (universitários, jovens, gente dos grandes centros). Patativa se apresentou com ele em eventos importantes e “Vaca Estrele e Boi Fubá” teve tanta repercussão quanto o “Triste Partida”, gravada pelo “rei do baião”. Mas Patativa não dependeu de ninguém para ter seu brilho. Dependeu de todos nós e da sensibilidade que tinha diante das dores do mundo, que ele expressava de forma poética e não como manifesto político.

TEOLITERÁRIA: INFELIZMENTE NO BRASIL, PATATIVA DO ASSARÉ NÃO TEVE O MERECIDO RECONHECIMENTO PELA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. MAS ELE É MUITO ADMIRADO E ESTUDADO NA FRANÇA! PORQUE É QUE SE TEM AINDA NO BRASIL ESSE MAL COSTUME DE NÃO VALORIZAR O QUE TEMOS DE MELHOR E PRECISAMOS SEMPRE DO AVAL QUE VEM DE FORA PARA COMEÇARMOS A GOSTAR, A PESQUISAR? O QUE O SENHOR SENTE A RESPEITO DISSO? ISSO LHE INCOMODA?

Não vejo o reconhecimento de academias de letras como importante para a trajetória de Patativa. As academias são anacrônicas, seguem um modelo que fez sentido para o século XIX, quando da formação de um “sistema literário”. São elitistas, se regem por critérios políticos, formam “cânon”. O importante é a aceitação que a poesia do Patativa tem por parte do povo. Para a maior parte dos acadêmicos, a poesia de Patativa

é folclórica, sem valor, o que é lamentável e mostra o nível de elitismo e de preconceito que eles têm.

TEOLITERÁRIA: PATATIVA DO ASSARÉ DEIXOU SEGUIDORES, SEGUIDORAS? COMO ESTÁ A POESIA QUE ELE INICIOU HOJE EM DIA? QUAIS SÃO ESSES HERDEIROS E HERDEIRAS?

Graças a Deus não tivemos ainda “clones” ou “covers” de Patativa. Talvez pela grandeza dele. Seria lamentável se tentassem diluir o que ele fez com tanta força, com tanta coragem e determinação. Não passaria de uma caricatura, de uma paródia, o que não condiz com sua condição de mestre.

TEOLITERÁRIA: O SENHOR AINDA PRETENDE LANÇAR MAIS ALGUMA OBRA A RESPEITO DO POETA? HÁ AINDA MUITO MAIS A SER DITO SOBRE O PATATIVA DO ASSARÉ?

Tenho planos de lançar um almanaque, em parceria com o fotógrafo Francisco Sousa. Já começamos a fazer o trabalho. Segue uma linha que vem sendo exaustivamente explorada, de iniciação, de curiosidades, de captar leitores arredios, principalmente jovens. Tudo isso respeitando o que ele escreveu, a biografia dele, a grande contribuição que ele deu à literatura brasileira. Pretendemos fazer um livro que seja visualmente atraente, ilustrado, sedutor. Mas a poesia de Patativa merece ser respeitada e não pode ser objeto de vulgarizações.

TEOLITERÁRIA: QUAL É A SUA MENSAGEM PARA A ATUAL GERAÇÃO QUE NÃO CONHECEU O POETA E PARA NOVOS POETAS E CANTADORES QUE COMEÇAM A CONHECÊ-LO?

Minha preocupação maior em relação ao Patativa é que sua obra seja lida, relida, discutida nas escolas. Quando fui a Florianópolis (2001), ganhei no Centro de Turismo, uma coletânea de poemas de Cruz e Sousa. Vi que a tiragem era imensa (cem mil exemplares) para os pa-

drões brasileiros. O patrocínio era de uma grande cervejaria. Levei a ideia para os gestores culturais cearenses, me propus a organizar uma antologia do Patativa, que contemplasse o político, o telúrico, o gracejo (ele era um homem muito bem humorado). Não fui bem sucedido na minha iniciativa. Ele precisa, urgentemente, continuar a ser lido e discutido, para que tenhamos uma valorização e a permanência de sua poesia e não de um culto à personalidade, à transformação do poeta em um “mito” ou “celebridade” destes tempos midiáticos.